

# Arcaísmos Léxicos da Região de Turmalina

CAROLINA DO SOCORRO ANTUNES SANTOS

## I — INTRODUÇÃO

Dois motivos estimularam a escolha e o desenvolvimento deste trabalho. O primeiro diz respeito ao interesse que os estudos dialetológicos sempre me despertam; o segundo, de certa forma, integra o primeiro, pois que representa uma tentativa de aprendizagem de pesquisa no terreno dialetal.

Dentre as várias palavras coletadas para a realização desta atividade, foram escolhidas as que se seguem, pelo simples fato de serem as mais freqüentemente ouvidas em Turmalina, pequena localidade do Vale do Jequitinhonha, onde fiz a minha pesquisa. Os seus falantes (informantes), segundo Ada Natal Rodrigues, em *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*, se enquadram em todas (ou quase todas) as normas consagradas em pesquisas dialetais, ou seja:

- a) estão dentro de faixas etárias acima de 25 anos;
- b) são naturais da região e lá residem;
- c) são analfabetos ou têm o curso primário incompleto;
- d) quase não viajam.

Para constatação e esclarecimento acerca destes vocábulos, foram ouvidos quatro informantes (dois deles também usuários de alguns dos termos selecionados) residentes na zona urbana, mas que têm um convívio bem sugestivo com o povo da zona rural. São eles: um médico nascido em Turmalina e que lá clinica desde 1945; um sitiante que também é secretário da Prefeitura Municipal; uma ex-costureira da gente rural, mas que com ela ainda mantém contatos de amizade, e uma senhora de 70 anos, tida como possuidora de memória privilegiada e considerada hábil contadora de histórias do tempo antigo.

Nesse trabalho, o estudo em questão poderá, inegavelmente, ser rotulado de breve e simples. A maneira de dicionário, farei a apresentação da palavra, identificando-a segundo a sua classe e, em seguida, indicarei a sua significação, enfatizando, evidentemente, o(s) sentido(s) em que ela é usada na região. Por último farei a análise da formação da palavra, tendo em vista as considerações expostas no item II.

## **II — CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS**

Não é meu objetivo apresentar um estudo prolongado dos processos de formação de palavras em português. A sua abordagem aqui se deve unicamente à necessidade de um estabelecimento de pontos de vista sobre os referidos processos, uma vez que os nossos gramáticos nem sempre estão assentes em relação a alguns aspectos dos mesmos.

Assim, Gladstone Chaves de Melo<sup>1</sup> indica três processos de formação de palavras: **derivação**, **composição** e **mudança de classe**. A essência do primeiro é a **filiação** (a qual se encontra na relação de parentesco entre o derivado e o derivante) e, da segunda, é a **combinação**, conforme constatamos pela sua definição de **composição**, como o processo pelo qual se juntam dois ou mais vocábulos de vida autônoma na língua, adquirindo o composto um sentido novo em relação a seus componentes.

Celso Pedro Luft<sup>2</sup> apresenta apenas dois processos de formação de palavras: **derivação**, em que se joga apenas com uma palavra, e **composição**, quando se combinam dois ou mais elementos. O processo **mudança de classe** é relacionado como **derivação imprópria**, de acordo com «alguns autores», conforme diz Luft, que vê esse processo «distinto dos enumerados, semântico, e não morfológico (não joga com afixos)».

Aspectos de discordância entre os autores, relativos à natureza do prefixo, também podem ser levantados. Said Ali, em **GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**, comenta a não demarcação da fronteira **derivação prefixal / composição**, porém coloca os prefixos entre os elementos da derivação. Assim também Celso Cunha,<sup>3</sup> que argumenta sua posição com as palavras: «tanto os prefixos como os sufixos formam uma relação de sentido com o radical derivante, processo distinto da composição, que forma palavras, em geral dissociadas pelo sentido dos radicais componentes».

Já Mattoso Câmara, em **PRINCIPIOS DE LINGUISTICA GERAL**, chama os prefixos de semantemas subsidiários que se agrupam a um semantema principal. O autor esclarece melhor ainda a sua posição acatando uma antiga norma das nossas gramáticas, que separa o estudo dos sufixos do dos prefixos, sendo os últimos considerados elementos de composição.

Citarei apenas mais um aspecto que, no estudo dos processos de formação de palavras, poderia ser revisto: as formas de derivação com sufixos e prefixos. Digo formas por considerar diferente a agregação dos afixos em palavras como **infelicidade**, **felizmente**, de um lado, e **embarcadouro**, **abastecer**, de outro. Nesta última relação ocorre a **parassíntese** ou formação parassintética (agregação simultânea do prefixo e do sufixo), não reconhecida pela N.G.B.

Considerando as palavras que estudarei a seguir, creio necessário o esclarecimento, como já disse anteriormente, de alguns pontos relativos aos processos de formação de palavras que adotarei nesta análise. Tais pontos poderão ser deduzidos do quadro abaixo:

## 1. Composição

1.1. Aglutinação (composição perfeita)

1.2. Justaposição (composição imperfeita)

## 2. Derivação

2.1. Prefixal

2.2. Sufixal

2.3. Prefixal e Sufixal

2.4. Parassíntese

2.5. Imprópria <sup>4</sup>

2.6. Regressiva

A este quadro tradicional, acrescentarei o item

2.7. derivação por redução,<sup>6</sup> em que se incluem categorias de palavras (não verbos) que sofrem redução, sendo que isso não implica mudança de classe. É o caso dos exemplos:

pneu (por pneumático),  
cine (por cinematógrafo),  
Sandra (por Alessandra),  
portuga (por português),  
Mi (por Milena),  
Tine (por Cristine), etc.

Trata-se de um processo diferente da derivação regressiva, que implica resultado de ação e através da qual ocorre uma nova categoria, os deverbais. Exemplos:

falta (de faltar),  
gasto (de gastar),  
consumo (de consumir), etc.

### III — BREVE ESTUDO DAS PALAVAS

#### — A —

- 1) **Arco-da-velha**: substantivo masculino. O mesmo que arco-íris. Indica também casos espantosos ou coisas inverossímeis: «Foi uma coisa do arco-da-velha».

Além de dois sentidos citados, mas, com um sentido relacionado ao segundo acima mencionado, em Turmalina, o termo refere-se ainda à pessoa (criança especialmente) impossível, traquinas, capaz de realização surpreendente: «Este menino é do arco-da-velha!».

Palavra de formação vernácula, composta por justaposição.

- 2) **Alvorçado (a)**: adjetivo masculino (e feminino) que significa agitado, entusiasmado, apressado.

Na cidade mencionada esse adjetivo aparece ligado ao substantivo animal (animal alvorçado) ou ao animal específico — vaca alvorçada,

**cabra alvoroçada** — indicando que ela (ou o animal) está no cio, na produção, no calor.<sup>6</sup> É palavra oriunda de **alvoroçar** (que se origina do árabe *al/buruz*, pelo espanhol *alvorozo*), significando **mover, entusiasmar, etc.** Mas é no sentido de **inquietar o ânimo** (por paixão, susto, alegria, etc.) que o termo (equivalente a **no cio**) se aplica.

**Alvoroçado**: particípio passado do verbo **alvoroçar**, que se forma a partir de **alvoroço**.

- 3) **Arribar**: a bibliografia consultada indica que o termo é, há muito tempo, conhecido da língua. José Pedro Machado, em seu **DICIONARIO ETIMOLÓGICO DA LINGUA PORTUGUESA**, nos diz que **arribar** não parece fórmula genuína: «creio tratar-se de vocábulo imposto pelo castelhano (**arribar**)». Já o **GRANDE DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA**, de Moraes e Silva, atesta a origem do verbo (transitivo e intransitivo) na locução adverbial **a riba**: **levantar a riba, alar a cima**. No Ceará é de uso popular corrente o emprego desse verbo como **levantar, fugir em desabalada carreira**, sendo que **riba** faz parte da frase **em riba das buchas**, isto é, **incontinente**. Na obra, **A LINGUA DO BRASIL**, Gladstone Chaves de Melo indica **arriba** como pertencente ao dialeto interamnense.

Na região em que os vocábulos foram colhidos, o emprego do verbo está quase restrito à área rural, com o significado de **levantar**. Entretanto, a frase «A Paula tem mania de ficar **arribano** (por **arribando**) a roupa da gente!» foi, em julho de 81, proferida por uma menina de 10 anos, nascida e residente na área urbana. Cremos tratar-se (sincronicamente) de um vocábulo resultante de formação parassintética, ou seja, **a+riba+ar**.

- 4) **Assinatura**: substantivo feminino. **Ato ou efeito de assinar; o nome escrito, firma, etc.** Moraes e Silva atesta como **brasileirismo**: **abrir assinatura, intrigar, passar descompostura**.

Em Turmalina, mais precisamente na zona rural, é bastante pitoresco o emprego de **assinatura** indicando **esposa, mulher**. A esse emprego deve-se ligar o fato de a mulher, ao se casar, ser portadora do sobrenome do marido, daí, por extensão de significado, ser sua **assinatura**.

Palavra derivada por sufixação (do radical do particípio passado do verbo assinar (lat. assignatus+o sufixo-ura).

- 5) **Assuntar:** de assunto+ar, este verbo, intransitivo ou transitivo direto, é brasileiro de larga aplicação: **dar ou prestar atenção, observar:** «Assuntando bem, era silêncio, mas uma surdina, música de insetos...» (Afrânio Peixoto, *Sinhazinha*); «...ia para a loja de seu Bernardino, ficava assuntando os fregueses que por ali faziam ponto (Autran Dourado, *O Risco do Bordado*, p. 14). **Considerar, meditar, espreitar:** «Assuntaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruído igual» (Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, pág. 131).

Com esse mesmo significado, **refletir, pensar**, é que o verbo é empregado na zona rural de Turmalina: «Ele assuntou, assuntou e depois não disse nada».

— B —

- 6) **Bestunto:** substantivo masculino de uso familiar que significa **juízo, cachola, cachimônia**. Popularmente indica **cabeça de pouco alcance, juízo curto**. Século XIII: «Este meu tal, e qual pouco bestunto, o trago prenhe sempre e recheado (de soberbas idéias)». Correia Garção, **OBRAS POÉTICAS**, p. 194, ed. 1778.

Em Turmalina, o termo é ainda usado, mesmo na área urbana, mas no feminino, talvez por analogia com as palavras femininas: **cabeça, idéia**. O fato é que seu emprego, pelo menos nas muitas vezes já ouvidas por mim, não lembra o significado popular mencionado acima, apenas o de **cabeça, juízo, idéia**:

- «Por que não fez o arranjo?
- Estou sem bestunta» (bistunta).
- «Ontem me deu na bestunta de visitá-lo».

Segundo Antenor Nascentes, trata-se de formação burlesca de **besta+o sufixo-unto**, portanto, palavra derivada por sufixação. Prefiro, porém, considerar o termo um vocábulo primitivo, uma vez que a associação com **besta** só aparece no emprego popular da palavra.

- 7) **Briquitar**: verbo intransitivo. Brasileirismo que significa **trabalhar, pelear, lidar** (com algum serviço): «Obrigado a entrar briqueando de sol a sol», Afrânio Peixoto, **FRUTA DO MATO** pág. 216.

Ainda no sentido de **labuta, peleja, trabalho**, é usado em Turmalina, especialmente pela gente rural, o termo **briquiteira**, que acredito ser derivado regressivo de **briquitar**, verbo de uso até das pessoas da zona urbana.

— C —

- 8) **Cacunda**: substantivo feminino. Amadeu Amaral, em **O DIALETO CAIPIRA**, faz a indagação: «Trata-se de origem africana ou é simples corruptela de **corcunda** passando por **carcunda**?» Morais e Silva indica: **brasileirismo, corruptela de carcunda, costas, dorso**: «...agarro uma vara... e lhe sacudo a poeira da **cacunda**». Valdomiro Silveira, **CABOCLOS** 36, 3a. ed. Em sentido figurado o termo é empregado como sinônimo de **consciência, responsabilidade**: «Um já tinha algumas mortes na **cacunda**». Afrânio Peixoto, **FRUTA DO MATO**, 154. Esse sentido é relacionado por Antenor Nascentes, em **TESOURO DA FRASEOLOGIA BRASILEIRA**: **ter na cacunda (mortes), ter na consciência**.

Todos esses empregos são comuns na cidade referida. Ainda é interessante que, quando lá se diz: «Pôs a criança na **cacunda**», o termo em questão, **cacunda**, não indica **dorso, costas**, mas **braços**. No entanto, em «Carregou o saco na **cacunda**», entende-se, precisamente, **costas**, e não, **braços**.

- 9) **Chanhar**: verbo de emprego intransitivo. O vocábulo não se encontra relacionado em nenhuma das obras consultadas.

Na região considerada, o emprego mais comum desse verbo é no gerúndio ou no infinitivo: «Aqueles dois andam **chanhando** muito»; «Parem de **chanhar**». Emprega-se também o déverbal **chanha**: «Que **chanha** é essa?» Semanticamente, relaciona-se a **xamegar, acarinhar**, etc.

- 10) **Consolador**: adjetivo oriundo do latim **consolator**, significando **que consola, próprio para consolar**: «Espírito Santo Consolador...» Damião de Góis, Crônica de D. Manuel III, Cap. 60.

Quanto ao emprego do termo **consolador** como substantivo masculino, indicando **bico, chupeta** (encontradiço em Turmalina) parece tratar-se de um caso de derivação imprópria, ou possivelmente uma metonímia.

- 11) **Destampatório**: substantivo masculino de origem obscura, segundo Antenor Nascentes. Morais e Silva filia o termo a **destampar (des+tampar)**. O termo é familiarmente empregado com o sentido de **gritaria, alarido**: «Tanto salamaleque... tanto destampatório, chegam a empanar as glórias dignas de consideração». Ricardo Jorge, **SERMÕES DUM LEIGO**, 322. Antenor Nascentes informa que, para João Ribeiro, **FRASES FEITAS**, I, 1980, **distampatório** (ou **dispautério**) é variante sugerida pela locução mais literária «**que dispautério**». Esse substantivo encontra-se registrado em **ENFERMIDADES DA LINGUA**, 116. O mesmo dicionarista acrescenta que A. Coelho liga **destampatório** ao verbo **destampar** acrescido do sufixo **-tório**, não se percebendo a filiação com **tampa**.

Em Turmalina, o termo é familiarmente empregado como acima, isto é, equivalente a **alarido, escarcéu**. Parece-me que a sua filiação à palavra **tampa** é percebida por outro uso, também familiar na região, que é o emprego figurado de **destampar** em situações como essa: «Ele **destampou** (**distampou**) a falar besteira».

- 12) **Duda**: substantivo feminino. O mesmo que **indecisão, incerteza**. Morais e Silva, em seu **GRANDE DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA**, afirma ser o termo um provincianismo alentejano.

Na região turmalinense o vocábulo é usado, sempre, na construção sujeito + verbo (ter ou dar) + objeto: **duda**. O seu sentido equivale a **ataque, desmaio**, relacionando-se, nesse caso, com a idéia de **não saber** que integra o verbo **duvidar** e que envolve as pessoas, quando estas perdem os sentidos.

**Dúvida:** é derivado regressivo de **duvidar** que, no caso em questão, sofreu a desproparoxitonação, com a síncope da sílaba medial. Esse fenômeno não é, aliás, estranho à língua, uma vez que é fartamente documentado, não só na evolução do latim para o português (**mancha** < **macula**; **ilha** < **insula**; **aprender** < **apprehendere**; **livre** < **libero**), como também nos nossos falares regionais: **cosca** (por **cócega**); **pesco** (por **pêssego**); **abobra** (por **abóbora**) e na linguagem coloquial espontânea.

- 13) **Emblema:** substantivo masculino. Do latim **emblema: figura, sinal aparente, convencional, simbólico, ornato em relevo, etc.** O uso de **emblema** designando **namorado** nos remete à idéia dessa palavra como «o que se tornou a representação simbólica de alguma idéia abstrata», segundo **Morais e Silva**. No caso, **emblema** (= **namorado**) nada mais é do que a representação simbólica da idéia mais abstrata, **amor**: «A Iris tá na janela com seu emblema!»
- 14) **Espiritar:** verbo transitivo direto. Tem o sentido de **endemoniar, tornar endiabrado, etc.** Século XVI: «...pedindo a nosso Senhor que spiritasse nos juyses que não julgassem a governança...», **Cas. VII, cap. 50, p. 127.** «Havia dois (minotauros) que espiritavam a galhofa de Mechior Pimenta». **Camilo, O QUE FAZEM MULHERES, cap. 10.104.** No Ceará, onde tem uso popular corrente, conforme **Florival Serraine, em DICIONARIO DE TERMOS POPULARES,** o verbo é empregado passivamente, **espiritar-se, com o sentido de danar-se, enfurecer-se.**

Nos primeiros sentidos antes indicados, isto é, **excitar, tornar irrequieto,** é que esse verbo é empregado no município considerado. De polissílabo, mediante síncope, o vocábulo passa a trissílabo, com a pronúncia **espiritar.** Também a forma **espiritado, isto é, enfurecido, irrequieto** é conhecida na mesma localidade: «Aquela menina está espiritada».

Palavra verbalizada a partir do substantivo **espírito.**

- 15) **Estrangolado (a):** na bibliografia pesquisada este adjetivo não se encontra registrado. Acredito seja uma variante de

**estrangulado**, derivado de **estrangular**. A acepção em que é empregado — **desajeitado, desarrumado** — induz à imagem visual do animal ou pessoa estrangulada: sem controle dos membros, desajeitado, desarmonioso. Cognatos desse adjetivo, são conhecidos e usados os substantivos **estrangolamento** e **estrangolo**, derivado por sufixação e derivado regressivo, respectivamente: «Aquele menino anda num estrangolamento!»; «Que estrangolo é esse, menina?»

— F —

- 16) **Fonção**: substantivo feminino. Forma alterada de **função** (do latim *functione*), que significa **cumprimento, tarefa**, etc. Moraes e Silva, Amadeu Amaral e Florival Serraine, respectivamente em **GRANDE DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA, O DIALETO CAIPIRA** e **DICIONARIO DE TERMOS POPULARES**, registram essa forma como indicadora de **festa plebéia, dança, fandango, divertimento das classes baixas, suburbanas ou rurais**: «A mimosa era uma rameira muito rasca, que andava de função em função a oferecer os seus mimos por uma perra chica». Aquilino Ribeiro, **UMA LUZ AO LONGE**, cap. 9, 174. Amadeu Amaral, na mesma obra acima citada, fala da existência da alteração **função > fonção** no norte do país. Refere-se também ao achado de Taunay, **fonçanata**, com significação semelhante.

Não só pela gente rural de Turmalina, como também pela urbana, o termo **fonção** é empregado, significando **festa realizada na roça** e para o povo da roça. Nessa localidade, **fonção** é sinônimo de **borá**.

- 17) **Frojocar**: de emprego transitivo direto, esse verbo não se encontra registrado na bibliografia que consultei para fazer esse trabalho. A professora Ivana Versiani se pronunciou a respeito do termo dizendo que **frojoca** (substantivo) é usado por Guimarães Rosa, em **SAGARANA**. A referida professora também nada encontrou a respeito de **frojoca**: «— Bem, pelo amor de Deus, vocês parem com isso, que eu não gosto de **frojoca** com o meu nome no meio».<sup>7</sup>

Com o sentido de **fazer rapidamente, criar, inventar, mexer**, é que o verbo é empregado em Turmalina: «Que que você tá frojocando aí?», «Em dois minutos eu frojoquei esse vestido».

Seria frojocar derivado de frojoca+ar? ou frojoca é que seria deverbal de frojocar?

— L —

- 18) **Lambazado (a)**: adjetivo masculino (feminino). O mesmo que **sujo, mal-vestido**. Florival Serraine cita, em seu dicionário, o adjetivo **lambuzão**, que apresenta igual significado, isto é, **porcalhão**, que faz serviços mal-acabados ou de mau gosto. Parece que **lambazado** é derivado por sufixação de **lambaz** (guloso, comilão) + **ado**.

Em Turmalina, diz-se que alguém é lambazado, quando ele se apresenta com vestes mal-arranjadas, desmazelado.

- 19) **Lambança**: substantivo feminino. O mesmo que **desordem, barulho, conversa fiada**: «Pois eu foi de um sono. Vá lá que não fizeste lambança, que não bateste por aí com os cornos!». Tomás de Figueiredo, **NÓ CEGO**, 140. Segundo Morais e Silva, trata-se de um brasileirismo, significando **basófia, jactância, trapaça, (MG)**.

No local em pauta, o emprego do termo se prende à idéia de **bagunça, desordem, confusão**, e o indivíduo que faz **lambança** é **lambanceiro**.

Amadeu Amaral sugere a sua origem no espanhol **alabanza**, porém Silveira Bueno, em **GRANDE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO — PROSÓDICO DA LINGUA PORTUGUESA**, nega essa etimologia e indica a possibilidade de o termo ser «criação da gíria, baseando-se no verbo **lamber** ou em **lambiança**, derivado disfêmico de **lábio, lábia+ança**, sufixo próprio de nomes abstratos».

- 20) **Laprego**: dessa palavra não encontramos nenhum registro.

Nos contatos observados em Turmalina, o termo é substantivo masculino e indica **agarramento, carinho** de pessoas enamoradas: «O Pedro e a Martinha andam num laprego!...»

Talvez seja derivada de **labro (lábio) + ego** (com o ensurdecimento do b).

- 21) **Latomia**: substantivo feminino. **Brasileirismo: lamentação, choradeira, falação.** É palavra de origem latina (**latomia**) pelo francês **latomie**: «Quanta latomia por tão pouca coisa!».

— M —

- 22) **Maromba**: substantivo feminino. Variante de **maroma: cordão.** Em sentido figurado indica **posição sustentada dificilmente**: «Transportou nas redondezas a feia maromba daqueles amores», Monteiro Lobato, **URUPÊS**, 136. **Brasileirismo** que indica situação dúbia de quem não quer se definir.

Em Turmalina, o vocábulo é empregado figuradamente (conforme se indicou acima), como sinônimo de **desânimo, preguiça** (registrado por Moraes e Silva como provincianismo) e ainda no sentido do **brasileirismo mutirão**, isto é, agrupamento de pessoas que se reúnem para os serviços da primeira capina: «Na fazenda do seu Zuza vai haver maromba»; «Hoje eu estou numa maromba!».

- 23) **Mussungar**: não encontrei nenhum registro desta palavra.

Na região turmalinense, o uso do termo se prende à idéia de **pegar desajeitadamente, grosseiramente; amassar, amarrotar**: «Chega pra lá, você tá mussungando minha roupa».

Talvez seja palavra composta pelos elementos **tupis mussú (peixe) + ungå (apalpar)**.

— O —

- 24) **ObrigaçãO**: substantivo feminino. O mesmo que **ocupaçãO...** Moraes e Silva registra: «pessoas das relações de alguém, pessoas de família...». Esse termo designa exatamente **família**, na linguagem sertaneja, rural, de acordo com Florival Serraine. «Nossa Senhora, como vai e mais a sua obrigaçãO?» Raul Brandão, **ILHAS DESCONHECIDAS**, 183. Como **brasileirismo** indica **mulher, esposa ou amásia**. «Passa por ser a obrigaçãO de Benedito», Afrânio Peixoto, **FRUTA DO MATO**, 114. «A minha obrigaçãO era viúva quando nos casamos». Alfredo Taunay, (cit. de Carlos Teschauer, Dicionário, S-V).

— 24 —

Na região de Turmalina esse brasileirismo está restrito à área rural. Acredito que tem seu significado associado à idéia antiga e machista de que a mulher, ao casar, passa a ser domínio do homem, parte de suas obrigações: «Dr. Leo, como vai sua obrigação?».

Palavra primitiva, que tem sua origem no latim *obligatione*.

- 25) **Otuso(a)**: adjetivo masculino e feminino. Figuradamente o mesmo que **obtusos**, **embotado**, **cansado**, **pouco penetrante**, **estúpido**, **tapado**, **fechado**. Obtuso é brasileirismo significando **atrapalhado**, **perturbado**, **hesitante**: «Ora, tá aqui uma coisa que me deixa meia obtusa», Valdomiro Silveira, **OS CABO-CLOS**, 31.

No município considerado, o termo é sinônimo de **pensativo**, **preocupado**, **fechado**, etc. Vem do latim *obtusus*, que, segundo Moraes e Silva, entrou no léxico, por via culta, no século XVI, sofrendo depois, em algumas regiões, síncope do b.

— R —

- 25) **Rudo(a)**: adjetivo masculino e feminino. O mesmo que **rude**: **que não está trabalhando**, **ignorante**. A antiga forma portuguesa *rudo* e o castelhano *rudo* postulam, segundo José Pedro Machado, a existência, na Hispânia, de uma forma *rude*. É do século XIII o exemplo: «Podes quanto quizeres fazer, mas ant'eu morrerei, vilão, falso, rudo». Sta. Maria, R. 37, Vol. II, pág. 342. Esse mesmo dicionarista afirma que o uso de **rudo(a)** por modernos se justifica pela influência literária de autores antigos: «este povo das cidades... é, além de ignorante... e rudo...». Antero de Figueiredo, **D. SEBASTIÃO**, cap. 1, p. 92.

Em Turmalina, o termo é usado na zona rural e qualifica a pessoa de pouca inteligência, que tem dificuldade de compreender e aprender as coisas.

- 26) **Urudo(a)**: na bibliografia adotada o termo não tem registro. O seu emprego na região mencionada é adjetivo (masculino e feminino) significando **endinheirado, rico**. Parece-me derivado de **ouro**, ou melhor, da sua variante popular **oro+o** sufixo-**udo**, que significa **provido de, cheio de**. Exemplo: «Tá tudo aqui. Já tou urudo!»<sup>8</sup>

## CONCLUSÃO

Não é necessário mencionar o prazer que me proporcionou a realização deste trabalho, embora esteja consciente de seus inúmeros defeitos.

Esses foram especialmente motivados pela minha pouca «criatividade» na explicação das palavras para as quais a bibliografia consultada não fornecia dados, ou, se os fornecia, esses eram insuficientes.

Pudemos constatar, no entanto, que a maioria das palavras estudadas é comum às várias regiões do interior do Brasil, o que, de certa forma, torna mais expressivas as palavras de Gladstone Chaves de Melo<sup>9</sup> a respeito da língua do Brasil: «De Minas não falo, porque tenho tomado a sua linguagem popular como pauta, como **denominador-comum**».

O fato é que, no domínio de uma língua, muitas diferenças, especialmente nas áreas de vocabulário e de pronúncia, se misturam, ocupando várias regiões de um mesmo território. E continuarão mesclando-se umas às outras, em todas as direções.

## NOTAS

1. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa (1968).
2. Moderna Gramática Brasileira (1976).
3. Manual de Português, terceira e quarta séries ginasiais, página 174.
4. Importante a posição de Said Ali na Gramática Histórica da Língua Portuguesa: «...A mudança de sentido e de função que sofrem as palavras examina-se em outras partes da gramática e... deverá chamar-se **semântica e não derivação**».

5. Esse acréscimo se deve à influência da Professora Clara Grimaldi Eleazaró.
6. Expressões também comuns, na região, para indicar que o animal está no cio.
7. Exemplo extraído do conto «O Burrinho Pedrês».
8. Esse exemplo foi ouvido, em janeiro de 82, no mercado municipal de Turmalina. É a resposta de um feirante a outro que indagava a respeito do dinheiro das vendas.
9. A Língua do Brasil (1975).

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Amadeu (1976). **O Dialeto Caipira**. São Paulo, Hucitec.
- AULETE, Caldas (1958). **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Delta.
- BARBOSA, Pe. A. Lemos (1967). **Dicionário da Língua Tupi**. Rio de Janeiro, Livraria São José.
- BUENO, Francisco da Silveira (1974). **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo, Ed. Brasília Ltda.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso (1975). **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes Ltda.
- (1968). **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1977). **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, Livro Técnico.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1978). **Dicionário Histórico**. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- GALÉRY, Ivana Versiani (1969). **Os Prefixos Intensivos em Grande Sertão: Veredas**. Belo Horizonte.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de (1975). **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário da Língua Portuguesa**.
- MELO, G. Chaves de (1975). **A Língua do Brasil**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- NASCENTES, Antenor (1966). **Tesouro da Fraseologia Brasileira**. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos.
- NASCENTES, Antenor (1955). **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

**SAID ALI, M. (1971). Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Melhoramentos.**

**SERRAINE, Florival (1959). Dicionário de Termos Populares. Rio de Janeiro, Simões Editora.**

**SILVA, Morais e (1950). Grande Dicionário da Língua Portuguesa.**

**SILVA NETO, Serafim da (1979). História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Presença.**